

## Património Mundial Lusófono – III – As ilhas Atlânticas

Os Açores e a Madeira integram-se naquilo que se pode designar como a primeira fase dos Descobrimentos portugueses, mas vão manter-se como pontos de apoio às esquadras de várias nações no tráfego marítimo no Atlântico. De pontos de escala transformam-se assim em pontos estratégicos, importância que os Açores ainda hoje mantêm, a base das inúmeras construções militares que hoje fazem parte do nosso património.

E, no entanto, os primeiros pontos tocados pelos portugueses ou por expedições orientadas pela Coroa portuguesa são as ilhas Canárias, o que terá acontecido logo no reinado de D. Dinis, dando origem, com D. Afonso IV, a um conflito com Castela, a propósito da soberania sobre o arquipélago. O reino vizinho acabou por ganhar a primazia, depois de uma intermediação do Papado.

Mas logo após 1415, com a conquista de Ceuta, Portugal dá início à expansão no Atlântico e o arquipélago da Madeira, em 1418, são as primeiras ilhas a serem tocadas, com a intenção de ocupação. Desabitada, a Madeira revela-se com um clima ameno e um solo apto para a agricultura, mas que obriga à desflorestação de parte da ilha, assim como à criação do sistema das "levadas", para retirar a água em excesso de algumas das terras, levando-a para outros solos onde ela era escassa (estruturas ainda hoje visitáveis).



*Ponta do Sol, Madeira, in [fenixdoatlantico.blogspot.com](http://fenixdoatlantico.blogspot.com)*

A primeira cultura é o trigo, funcionando a ilha como ponto abastecedor das fortalezas do Norte de África conquistadas pelos portugueses. Por razões que não são conhecidas esta cultura acaba por desaparecer, dando lugar à cana-de-açúcar, que se torna um importante produto de exportação, até à exploração da planta no Brasil, mais propícia à cultura. O clima favorável permitiu a

diversificação, conduzindo à intensificação da cultura da vinha, já introduzida em pequena escala no início da colonização, que veio a ter um papel importante nos Descobrimentos, dando origem ao conhecido "Vinho da Madeira".

Os navios escalavam a ilha, abastecendo-se também de vinho, o que acontecia com todo o tipo de nacionalidades que seguiam a rota para sul. O vinho era armazenado em tonéis, muitas vezes expostos no convés ao sol dos trópicos, e as características acabavam por ser alteradas. No regresso, ainda traziam algum líquido, continuando em condições para ser consumido, e ao tocarem de novo a Madeira os produtores verificavam que as qualidades da bebida se tinham modificado mas para melhor. Eram efeitos da longa viagem, que ida e volta à Índia, por exemplo, era superior a um ano, e de uma exposição a elevadas temperaturas num espaço de tempo muito curto - em termos de envelhecimento vinícola. A bebida passou a ser conhecida como "Vinho da Roda", numa referência à viagem de regresso e para ser distinguida do vinho que lhe tinha dado origem. E dadas as reconhecidas qualidades, os produtores aprenderam a envelhecer a bebida em barris expostos ao sol, técnica que foi sendo melhorada ao longo dos séculos.

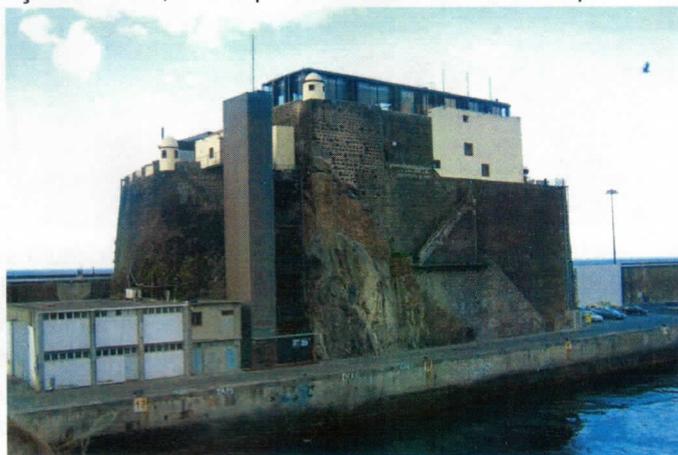
A procura desta bebida aumentou de tal forma na Europa que logo no século XVI se transformou num alvo da pirataria. Pierre Bertrand de Montluc foi um desses piratas, chegando em 1566 a atacar diretamente o Funchal, saqueando-a, se bem que acabasse por falecer na cidade devido aos ferimentos sofridos em combate. Mas os seus homens regressaram a França e entre os produtos roubados seguiam importantes quantidades de vinho, que foram vendidas em França, o que ajudou a divulgar a bebida. As rotas do Vinho da Madeira diversificaram-se e as então colónias inglesas na América do Norte passaram a ser, no século XVIII, também importantes clientes e alvo da pirataria.

A rápida ocupação da Madeira trouxe consigo uma intensa edificação e o primeiro exemplo é a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, construída em 1494, em Ponta do Sol, por um flamengo ligado ao comércio do açúcar. O mesmo flamengo foi também responsável pela construção de um solar, no mesmo ano, hoje conhecido como Solar dos Esmeraldos, o que diz bem da importância do cultivo da cana-de-açúcar. O templo foi praticamente reconstruído em 1720, imagem que atualmente mantém.

A cada vez maior importância económica da Madeira conduziu à criação de algumas infra-estruturas de defesa, mas não de forma tão rápida quanto veio a acontecer no Norte de África, não obstante a ameaça dos corsários. Em 1528, duas embarcações que carregavam açúcar foram atacadas no Funchal por corsários, o que deu origem à construção da primeira fortificação, mas um simples baluarte, que é hoje conhecido como o Baluarte Velho.



A fragilidade das defesas da cidade ficou patente com o ataque do corsário francês Montluc, que dominou facilmente a cidade e o baluarte. Mas só em meados do século XVII, a ilha ganhou uma maior capacidade com o término da construção da Fortaleza - Palácio de S. Lourenço, uma interessante estrutura de defesa que albergava um paço onde residia a autoridade principal e representante da Coroa. É também na mesma época que nasce uma das mais conhecidas fortificações, a Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição do Ilhéu, criada para controlar a entrada no porto.



[https://www.geocaching.com/geocache/GC55C7C\\_elucidando-i-cortina-da-cidade?guid=890e8257-08d1-4079-9498-f076cc97a961](https://www.geocaching.com/geocache/GC55C7C_elucidando-i-cortina-da-cidade?guid=890e8257-08d1-4079-9498-f076cc97a961)

Os condicionalismos associados à atividade dos corsários foram ainda maiores nos Açores, o que igualmente esteve na base do património do arquipélago. Os portugueses começaram a ocupar o arquipélago a partir de 1431, mas a importância estratégica das ilhas começa a ganhar forma, com a intensificação das viagens para a Índia, o Brasil, as Caraíbas e a América Central. As várias ilhas transformaram-se em pontos de passagem obrigatória para as esquadras que regressavam aos portos ibéricos, carregados de especiarias, escravos, açúcar, prata e ouro. E as escalas funcionavam tendo por base vários objetivos, o reabastecimento de víveres e reparação das embarcações, reorganizar os comboios de navios para melhor enfrentar as ameaças marítimas e para aguardar a escolta de navios melhor armados.

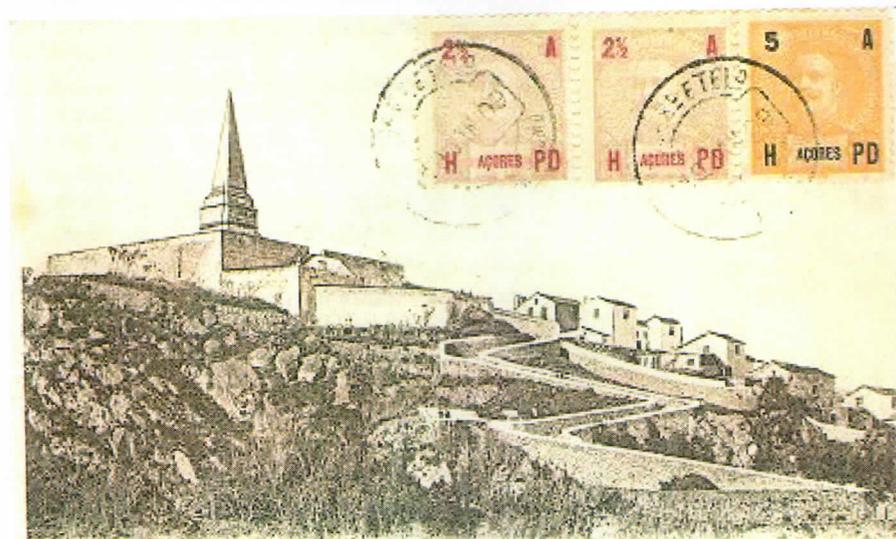
A concentração de navios atraiu também inúmeros piratas, o que levou à construção de inúmeras infra-estruturas militares, um total de 161 e quase metade na ilha Terceira, com 78, uma vez que era no seu porto, o Porto de Pipas, em Angra do Heroísmo, que se concentrava grande parte da atividade de escala. Daí que Angra tenha vindo a aco-

Her uma estrutura própria de apoio à navegação, a Provedoria das Naus, por despacho de D. João III, instituição que se manteve até ao século XIX.

No entanto, a primeira construção defensiva em Angra é o Castelo dos Moinhos, que entretanto desapareceu, mas cujo local de construção está atualmente marcado por um obelisco. Era uma estrutura defensiva de natureza medieval, virada para a defesa da então povoação de Angra, que perdeu o seu interesse com a atividade marítima associada aos Descobrimientos.



Forte de São José –do Ilheu ou Bateria da Pontinha....



Leja do Urado. An. 22.

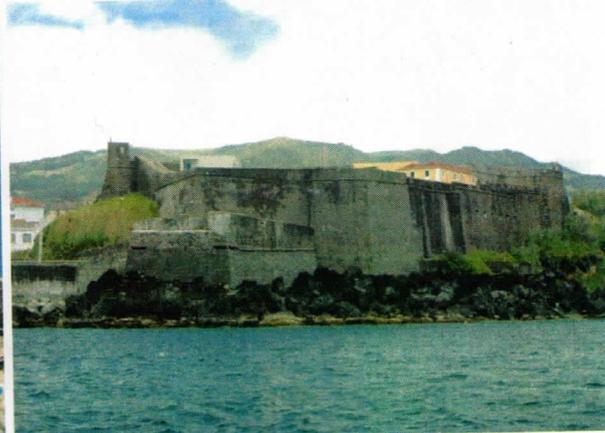
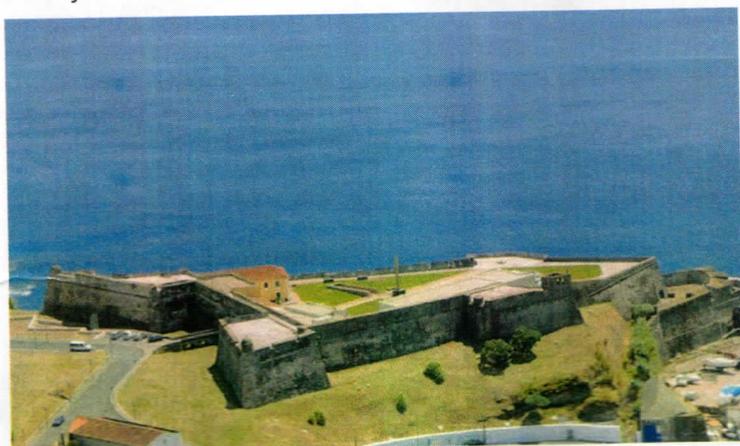
Memoria. Ilha Terceira-Açores.

<http://philangra.blogspot.pt/2013/01/o-alto-da-memoria.html>

No entanto, o complexo defensivo só começa a ser construído com Filipe I, o que veio a dar origem a duas importantes fortalezas, a Fortaleza de Monte Brasil, considerada a mais importante infra-estrutura militar dos Açores, e a Fortaleza de S. Sebastião, que alberga actualmente uma pousada.

A importância histórica sobretudo de Angra do Heroísmo tem, aliás, reflexo na classificação da cidade com Património Mundial, uma relevância dada em particular ao centro histórico

da cidade, muito marcada também pelas edificações religiosas. E aqui marca presença a Sé Catedral, a Igreja do Santíssimo Salvador da Sé, construída sobre as ruínas de um templo mais modesto, edificado em 1461. A Sé começa a ser construída em 1570 e vai sofrendo benefícios até ao século XVIII.



<http://philangra.blogspot.pt/2013/01/o-castelo-de-sao-sebastiao.html>



Muita da atividade religiosa nos Açores ficou a dever-se à ação dos franciscanos, cuja presença inicial ocorre logo em 1445, na ilha de Santa Maria, passando dez anos depois também para a Terceira. A expansão da ordem dá origem à construção de 16 conventos, seis em S. Miguel, dois na Terceira, dois em S. Jorge, outros tantos no Pico e um em cada uma das restantes ilhas, se bem que disputada nas mais importantes ilhas pela Ordem dos Jesuítas.

A forte presença religiosa no arquipélago acaba também por ser favorecida pela natureza instável do solo e pela

propensão para as catástrofes naturais. A primeira ocorre logo em 1522, com um sismo a praticamente soterrar Vila Franca do Campo, a então capital de S. Miguel. O século foi ainda marcado por erupções vulcânicas em outras ilhas, dando origem ao termo “mistério”, nome dado pelas populações às lavas, uma vez que o fenómeno geológico era desconhecido das populações.

E estes condicionalismos ainda marcam estas populações arquipelágicas, numa estranha simbiose em que a importância história caminha de mãos dadas com uma permanente ameaça dos elementos naturais.

*Texto de Carlos Varela e fotos de Heritage of Portuguese Influence / Património de Influência Portuguesa: [www.hpip.org](http://www.hpip.org)*



## Eu estive lá... Machico

Entre os meus amigos, contam-se dois casais holandeses. Visitam-me com alguma frequência aqui no Funchal onde vivo, mas onde realmente gostam de permanecer, passar os seus momentos de descontração e descansar é em Machico. Um passou lá sem qualquer interrupção, as suas férias, nos últimos trinta e três anos. Agora, já reformado, passa em Machico mais tempo do que na Holanda.

Que atrativos terá efetivamente Machico para de forma tão profunda atrair estes forasteiros?

Eles explicam e qualquer um de nós pode também verificar que, na verdade, tem muitos.

É uma cidade segura, calma, bonita, pequena, mas disponibilizando todos os serviços essenciais.

A sul é bafejada com belas praias que, devido à amenidade do clima, são frequentadas quase todos os dias do ano.

A norte, nascente e poente, soberbas montanhas convidam a belas e saudáveis caminhadas ou, em alternativa, a magníficos passeios de automóvel que por entre curvas e contracurvas, ousadamente penetram no âmago de exuberante e variada vegetação.

Num e noutro caso, seguramente, seremos com frequência impelidos a fazer breves paragens para assim nos ser facultado, mais detidamente, contemplar as deslumbrantes paisagens que constantemente se nos deparam e nos surpreendem.

Quem gostar da pesca, e eles gostam, encontra aqui condições quase ideais para a praticar em várias modalidades.

A história também é motivo de interesse. Foi em julho



O outro casal, que conheceu os seus compatriotas na Madeira, vem cá igualmente, sem nunca ter faltado desde há vinte e seis anos e anseia pela reforma para poder passar por cá muito mais tempo do que até aqui.